

O ENSINO E O ESTUDO DE INGLÊS NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (F.L.U.P.)

Na sua alocução apresentada na sessão de abertura do ano académico de 1988/89 da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e posteriormente publicada na «Revista da Faculdade de Letras do Porto»¹, o Doutor Gomes da Torre levantou um número de questões importantes sobre aspectos relacionados com o papel da Faculdade (F.L.U.P.) no ensino de línguas estrangeiras e no treino de professores de línguas estrangeiras. Este artigo propõe-se examinar pormenorizadamente a actual situação, fazendo particular referência ao ensino do inglês no F.L.U.P., não deixando também de fazer algumas observações gerais em resposta ao artigo já mencionado.

Um nível de cultura geral não satisfatório entre os estudantes foi, por exemplo, anotado e ilustrado através da incapacidade de alguns estudantes em identificar os Estados Unidos da América através de uma metáfora associada à posição geográfica deste país em relação ao Canadá. Tais estudantes na F.L.U.P. que exibem uma falta de cultura geral serão talvez vítimas de um ensino ineficaz ou insuficiente nível do Secundário, falta que não tem sido totalmente compensada durante o seu curso na F.L.U.P. Num curso de Inglês há naturalmente lugar para a inclusão de elementos de cultura geral através da exploração dos laços dinâmicos vivenciais que existem entre uma língua e a sua cultural nacional ou regional. Talvez que o meio mais apropriado para o desenvolvimento deste aspecto fosse através de um projecto de trabalho colectivo ou individual. Tal tipo de projecto beneficiaria os estudantes ao envolvê-los em actividades reais, ultrapassando o fosso entre a sala de aula e o mundo real produzindo assim níveis elevados de motivação e cooperação (Fried-Booth, D. L., 1987)². Mais ainda, a capacidade em comunicar numa língua estrangeira é parte essencial do conceito moderno europeu de «cultura sem fronteiras», e a F.L.U.P. como instituição poderia demonstrar abertamente que compreende tal noção, talvez chegando até ao ponto em que a grande maioria dos seus estudantes teria acesso ao estudo de uma língua estrangeira, até por ser um utensílio de extrema utilidade nos estudos, independentemente dos estudantes serem de Filosofia, Geografia ou qualquer outra área.

¹ TORRE, M. Gomes da — *Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras*, in «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas», II Série, Vol. VI, Porto, 1989.

² FRIED-BOOTH, D. L. — *Project Work*, Oxford, University Press, 1987.

Um segundo exemplo das questões trazidas à luz diz respeito ao papel da investigação científica na vida da F.L.U.P. Sem dúvida que uma forte componente de investigação científica deve ser encorajada de modo a que o ensino disponível na F.L.U.P. seja constantemente estimulado e tenha uma perspectiva universal. Isto aplica-se tanto às Línguas Modernas como às outras áreas. Stern, H. H. (1983) dedica um capítulo inteiro do seu livro seminal ao valor da investigação no ensino de línguas chegando à conclusão que 'investigação e teoria podem ser perspectivadas como componentes indispensáveis a uma actividade de ensino de línguas bem planeada, e não como substitutos de quaisquer outros componentes'³. Limitando os nossos horizontes de modo a sermos meramente uma instituição que produz e treina futuros professores seria, sem dúvida, seguir um caminho muito estreito e um que eventualmente corre o risco de se terminar. Sob esta luz, a falta de envolvimento dos Leitores na investigação científica é grave. As oportunidades e condições que existem na F.L.U.P. devem ser tornadas total e inequivocamente claras a todos os Leitores como grupo. Áreas específicas de interesse podiam ser requeridas através de consultação com o grupo e com o órgão institucional adequado. Desta forma seria possível iniciar na F.L.U.P. um programa bem coordenado e equilibrado de projectos de investigação. O sistema actualmente existente em que se procura informação e autorização através de iniciativas individuais pode ser comparado negativamente, em termos de eficiência e eficácia, com uma única ocasião anual para distribuição, recolha e discussão da informação necessária. Um esquema deste tipo daria também uma forte contribuição para os padrões de profissionalismo da F.L.U.P., ao mesmo tempo que tornaria claro quais Leitores estariam dispostos a levar a cabo trabalho de investigação como parte do seu cometimento profissional para com a F.L.U.P.

Uma outra problemática levantada foi a da necessidade de não cair no erro de introduzir mudanças baseando-se unicamente num critério de novidade *per se*. Sem dúvida que é necessário ter cautela na abordagem de inovações, além de que a apreciação final dos méritos, ou não, de novas ideias ou métodos deve, sem dúvida, ser feita com base em factores locais extremamente específicos. Na F.L.U.P., por exemplo, uma perspectiva educacional deve tomar prioridade sobre uma visão linguística, excluindo assim uma abordagem puramente 'functional/notional' do ensino de línguas estrangeiras. Uma atenção especial necessita ser prestada ao tipo de estudantes que serão os recipientes de qualquer processo inovativo. Por exemplo, o ímpeto inicial para «The Threshold Level Project» dirigia-se a um grupo de estudantes muito diferentes daquele que frequenta a F.L.U.P. Um mesmo tipo de abordagem metodológica flexível não implica de forma alguma uma abordagem universalmente correcta, sendo até uma que não pode ser totalmente adoptada na F.L.U.P.

Foi também levantada uma outra questão de pendor mais institucional: a necessidade de prestar um maior reconhecimento e atenção aos cursos de línguas estrangeiras e aos Leitores na F.L.U.P. De facto, mínimo é talvez um

³ STERN, H. H. — *Fundamental Concepts of Language Teaching*, Oxford, University Press, 1983.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

bom adjectivo para descrever o envolvimento dos Leitores em qualquer órgão com poderes de decisão, quer administrativo quer representativo, da F.L.U.P. Tal está em profundo contradição com a responsabilidade que advém aos Leitores do peso que têm em termos de percentagem de horas no horário dos estudantes, e consequentemente, em termos de contacto com os mesmos, já para não falar da prioridade que a aprendizagem da língua tem nas considerações dos estudantes. Parece que a Instituição oferece aos Leitores pouco encorajamento real para uma contribuição profissional destes nestas áreas. Uma política de espera de um ou dois voluntários particularmente entusiastas não parece passível de produzir frutos da melhor qualidade. Poderiam existir funções determinadas ou cargos que os Leitores teriam que preencher através da eleição de um membro do seu grupo; ou no mínimo cada órgão deveria ter um membro responsável pela coordenação e consulta com os Leitores. A situação actual parece fazer pouco para proporcionar o desenvolvimento de uma actividade construtiva e de um diálogo aberto e significativo: estes são parte de qualquer forma de discussão e debate devendo estar no cerne de qualquer instituição que almeje melhorar e progredir.

No entanto, embora toda esta problemática e questões sejam dignas de mais desenvolvimento, a principal preocupação deste artigo é a de examinar a necessidade de aumentar os níveis de sucesso na aprendizagem da língua pelos estudantes que se submetem ao processo de ensino-aprendizagem tal como é levado a cabo na F.L.U.P. Nesta área, o Doutor Gomes da Torre identificou correctamente o papel dos Leitores como crucial, e é por esta razão que este artigo pretende descrever e analisar alguns dos elementos do trabalho que está actualmente a ser levado a cabo por Leitores que têm a responsabilidade de leccionar o curso de inglês na F.L.U.P.

Mas antes de abordar a situação actual será conveniente fazer um curto comentário sobre a referida falta de sucesso académico. Sem dúvida alguma que estes últimos anos presenciaram uma evolução nos métodos de ensino de línguas estrangeiras, mas os resultados obtidos são duvidosos em termos de eficácia da aprendizagem da língua. Os níveis actuais de sucesso obtidos pelos estudantes têm sido comparados de uma forma negativa com a situação anterior. No entanto, esta comparação desfavorável pode resultar da utilização de critérios diferentes para avaliar sucesso ou insucesso. Tal situação foi até ao ponto de no passado ter sido criado um falso sentido de sucesso devido à falta de compreensão ou definição do que consiste, em termos de aprendizagem de uma língua, um ganho real. Por exemplo, hoje em dia a capacidade de analisar um texto literário em termos estilísticos e em termos de estrutura e distribuição gramatical não seria considerada como um constituinte vital de um aluno-padrão. A reflexão teórica sobre o que constitui uma 'competência comunicativa' realista e moderna (que é extensivamente analisada em Canale, M. e Swain, M. 1980)⁴ ilustra esta mudança de ênfase na teoria da aprendizagem e ensino de uma língua: a tomada em conta de elementos tais como a capacidade comunicativa,

⁴ CANALE, M.; SWAIN, M. — *Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing*, in «Applied Linguistics», 1/1, pp. 1-47, 1980.

a aptidão em antecipar e deduzir e a competência na compreensão e produção integrada mudaram radicalmente o perfil do aluno bem sucedido. Consequentemente, a mudança do rumo do sucesso ou insucesso, com base na avaliação de resultados futuros, só poderá ser levada a cabo no longo prazo. Na realidade os alunos do curso de Inglês possuidor de um novo programa de aprendizagem (actualmente a ser desenvolvido em resposta às recente inovações de horários e de estágio) só terminarão os seus estudos na F.L.U.P. em 1992/93. Pode também ser apontado o facto de que os níveis de sucesso ou insucesso parecerem terem sido avaliados sob uma certa perspectiva aleatória sem o auxílio de um estudo estatístico pormenorizado que acompanhasse os estudantes através do seu percurso na F.L.U.P. Uma análise estatística dos factos mais detalhada traria certamente uma outra luz, mais construtiva, sobre os verdadeiros níveis de sucesso ou insucesso. Um estudo estatístico dos resultados poderia fornecer um resumo, não só significativo, como imediatamente disponível para ser utilizado como base de futuros estudos de correlação: tal abordagem permitiria tanto descrições mais correctas, como a possibilidade de se tirar certas ilações (Woods, A./Fletcher, P./Hughes, A. 1986) ⁵.

Quando os estudantes chegam à F.L.U.P. para iniciar o seu curso em Inglês I, não se espera que sejam possuidores de todo o saber relevante, mas espera-se sim que tenham alcançado o nível considerado apropriado, do qual o resultado obtido na prova específica e outras seria demonstrativo. Um dos objectivos principais do curso de Inglês I é o de rever e consolidar os conhecimentos já existentes, ao ponto de eliminar da produção escrita e oral dos alunos certo tipo de erros básicos de inglês. Dos alunos que demonstrem deficiências em tais áreas 'elementares' espera-se que aproveitem a atenção dada a esses pormenores e progridam até ao nível de erro mínimo na sua actuação nessas áreas. A definição dessas áreas já está esboçada, e o subsequente trabalho de maior detalhe encontra-se a ser realizado pelos Leitores de Inglês. Os resultados deste trabalho serão publicados como parte do programa de Inglês a que os estudantes terão acesso. Naturalmente que os Leitores prestarão assistência e encorajarão alunos mais fracos, mas o sucesso ou insucesso em Inglês I estará bastante relacionado com o reconhecimento e aprendizagem por parte do aluno dos componentes que foram introduzidos e exercitados ao longo desse primeiro ano. A juntar a este tipo de abordagem ao 'inglês geral' os Leitores estão a trabalhar numa compilação de um banco de actividades que terá como base áreas identificadas como difíceis para alunos portugueses o que irá fortalecer uma visão detalhada do aproveitamento dos alunos.

Além de áreas específicas de gramática, construção de vocabulário, fonética/pronúnciação e aptidão na escrita que foram ou estão a ser definidas para cada ano de Inglês pelos respectivos Leitores, foi também estabelecida uma forma de coordenação deste sistema através de reuniões extra-curriculares. No «Guia do Estudante» os programas anuais fornecerão um esboço geral, e a cada turma será depois fornecida uma listagem mais detalhada daquilo que

⁵ WOODS, A.; FLETCHER, P.; HUGHES, A. — *Statistics in Language Studies*, Cambridge, University Press, 1986.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

lhes será exigido para esse ano em particular. Desta forma os alunos poderão perspectivar por eles próprios quais os objectivos a alcançar para se considerar que estão a realizar progressos satisfatórios em termos da aprendizagem da língua. Espera-se que esta forma de definição dos elementos do curso venha a associar o sentido de progressão a um saber cada vez mais profundo e óbvio para todos os que participam no processo de ensino-aprendizagem do inglês. A responsabilidade pelo sucesso neste processo está dividida por estudantes e Leitores, e cada grupo deveria poder questionar até que ponto tal responsabilidade está a ser exercida relativamente ao programa do curso e outro material informativo publicado.

A busca de conhecimento a nível universitário pressupõe que os estudantes estejam dispostos a aceitar uma boa dose de responsabilidade pessoal pela sua própria aprendizagem. No caso de Inglês essa autonomia será encorajada a desenvolver-se. Aos alunos será mostrado o valor dos livros de referências, onde os encontrar e como os utilizar. Serão organizadas actividades específicas, tais como a tarefa de procura de informação baseada nos livros de referência disponíveis no Instituto de Estudos Ingleses, ou através das instruções dadas pelo Leitor durante o tempo de aula, ou ainda através de referências feitas na correcção do trabalho de casa, etc. Os alunos devem de estar bem conscientes da sua obrigação em contribuir para a sua própria aprendizagem de uma forma dinâmica, planificada e bem pensada: a aprendizagem de uma língua não é uma acção passiva. Por exemplo, todo o trabalho de casa deve ser feito e entregue no dia exacto, não pura e simplesmente por uma questão de disciplina académica, mas muito mais importante, porque o trabalho de casa constitui muitas vezes a base de actividades de aprendizagem numa próxima aula. Neste caso a parte da responsabilidade que cabe ao Leitor é o de assegurar que todo o trabalho de casa esteja corrigido de um forma clara, construtiva, justa e rápida. Além desta responsabilidade o Leitor pode ser considerado como sendo o ponto focal de todo o trabalho feito pelos alunos através da concepção, coordenação, preparação e execução de todas as actividades de aprendizagem associadas aos fins e objectivos publicados para cada ano/curso de Inglês. Cada Leitor deve levar a cabo estes deveres dando o melhor de si próprio e partindo do princípio de que ocupa um cargo a tempo inteiro.

Será talvez verdade a afirmação de que o maior peso da responsabilidade de um Leitor reside na função da avaliação. Do ponto de vista dos estudantes o sucesso ou insucesso está, em última análise, centrado nesta questão. O progresso de um aluno deveria ser avaliado de uma forma regular e frequente, utilizando uma variedade de formas de testes, de modo a tomar em conta os diferentes ênfases que as diferentes capacidades para a aprendizagem, compreensão e produção de uma língua requerem. Qualquer sistema de avaliação deveria ser pré-determinado, definido em pormenor, transparentemente claro, funcionando como parte do processo de aprendizagem, em vez de ser uma angustiada competição por valores abstractos numa escala de 0 a 20. Por exemplo, no início de cada ano do curso de Inglês será dado aos alunos informação sobre o diferente peso dado a cada parte dos testes. Assim os alunos saberão a importância dada aos vários elementos de aprendizagem da língua

e terão a oportunidade de produzir vários trabalhos de inglês para avaliação e para analisar o seu desempenho em termos da relação entre os seus esforços e os resultados obtidos.

Este conceito de avaliação no programa de Inglês está a ser implementado pelos Leitores, somando-se ao seu trabalho normal de preparação, ensino e atendimento obrigatório de alunos. A importância deste elemento de avaliação contínua necessita ser sublinhada tanto em termos do tempo que requiere para o seu funcionamento, como em termos dos resultados que obtém. Na realidade, mesmo com o pesado fardo que coloca sobre os Leitores de Inglês, estes consideram que a avaliação contínua deveria ser o modo de avaliação principal e dominante para os estudantes de línguas estrangeiras. Uma das primeiras modificações que já foram introduzidas no programa de Inglês é a de um sistema previamente acordado de calibragem da avaliação contínua, de modo que todas as turmas do mesmo ano estejam a ser avaliadas nos mesmos termos e parâmetros. Está também já elaborado um sistema de calibragem mais geral e mais flexível cuja área de acção abrange todos os anos de Inglês. Uma consequência desta modificação será o facto de os estudantes de Inglês receberem um tratamento bastante semelhante na sua avaliação contínua, independentemente de turma, professor ou ano. Talvez que a característica mais importante para o Inglês do sistema aqui descrito, é o de nada ter em comum com um tipo de exame mais tradicional de carácter regurgitativo e isolado. Os testes de inglês são mais flexíveis em termos do tempo requerido: podem ir desde os 10 minutos até às 3 horas, tudo dependendo da matéria a ser avaliada. Estes testes não são efectuados no vácuo ou isoladamente do curso: vão requerer o envolvimento dos alunos em actividades de preparação na aula ou através de trabalho de casa. Após terem sido feitos, os testes podem também ser utilizados como base para revisões ou aprofundamento de actividades em vez de serem simplesmente guardados ou arquivados para serem lembrados apenas em termos da nota obtida. Os testes devem ser, tanto quanto possível, parte do processo de ensino-aprendizagem e assim estarem integrados no programa antes do início do ano lectivo: um objectivo que já foi parcialmente alcançado no curso de Inglês.

Um outro fim deste sistema de avaliação é o de definir claramente uma escala de progressão que permitirá aos alunos com poucas hipóteses de alcançar os objectivos finais do curso de Inglês uma tomada de consciência da sua situação o mais cedo possível. Parece desnecessário permitir a alunos chegarem às fases finais da licenciatura para aí simplesmente falharem na sua conclusão. Esta nova abordagem tem como objectivo criar a certeza de que só os alunos mais capazes passarão além do primeiro ano (Inglês I), já que é óbvio que só os mais capazes (como definido pelos padrões de avaliação publicados para Inglês IV) estarão na posição de utilizar o seu inglês de uma forma totalmente profissional. As exigências feitas à língua inglesa em termos de elemento importante nas condições de futuro emprego, bem como em termos de conjuntura nacional, faz com que os licenciados em Inglês pela F.L.U.P. devam possuir uma proficiência total e competente da língua inglesa em todos os seus muitos

e variados aspectos. Uma parte crucial do actual desenvolvimento de um programa integrado, gradativo e detalhado para o Inglês na F.L.U.P. é a de que os alunos devem «subir a escada» de uma forma mais harmoniosa, com cada subida de degrau a ser ditada por um desempenho satisfatório dentro do modo de avaliação em vigor.

Parece absurdo que um aluno de línguas possa inscrever-se simultaneamente em turmas de, por exemplo, Inglês I e Inglês II quando reprovou em Inglês I com uma nota baixa. Um sistema de precedências é vital para o funcionamento da nova abordagem defendida pelos Leitores de Inglês. Todas as turmas de um ano podem já ser consideradas como sendo uma mistura de capacidades, isto sem adicionar factores relacionados com a presença de alunos de outros anos. Assim num ano os alunos deveriam estar a um nível de capacidade de linguagem semelhante de forma a que a matéria possa ser tornada consistentemente apropriada de modo a que a identidade e ímpetus de um grupo possam ser estabelecidos para assim os alunos se tornarem mais abertos ao auxílio e correcção por parte dos seus iguais, maximizando então a participação dos alunos e este último factor é fundamental para um processo de aprendizagem bem sucedido. Os alunos devem ser capazes de comunicar com eficácia entre si de forma a desenvolver capacidades apropriadas e a reduzir a sua dependência da língua materna. Não se pode definir um conjunto claro de objectivos de capacidade linguística para cada ano de Inglês sem um conjunto claro de alunos como objecto de trabalho, e o mesmo é válido para o desenvolvimento a longo prazo de materiais de ensino. Esta evolução continuará a ter como fim último a criação de um banco de dados informativos de recurso para cada ano, sem se ter que recorrer necessariamente a livros que geralmente foram baseados em objectivos e exames que não são idênticos aos da F.L.U.P. Também deve ser notado que grupos restritos e delimitados, contendo alunos de um só ano, não resulta necessariamente numa passagem mais lenta dos estudantes pelo sistema da F.L.U.P.: com grupos de aprendizagem mais homogêneos é mais natural que o Leitor seja capaz de 'alcançar' todos os alunos e ensiná-los mais eficazmente e de acordo com as necessidades que sejam comuns entre eles, assegurando desta forma um aumento seguro e claramente definido da capacidade de controlo da língua, o que corresponderia por sua vez a um avanço dentro do sistema.

O ensino de uma língua estrangeira é muito diferente do ensino de outras matérias. Uma língua é, pela sua natureza, uma entidade viva que está constantemente sujeita a mudanças que não têm quaisquer fronteiras, por exemplo, em termos de quantidade de vocabulário, ou em termos do que é considerado gramaticalmente correcto, ou ainda em termos da variação na pronúnciação. Considerações como estas são o ponto de partida de Lyons, J. (1981)⁶, um trabalho geralmente aceite como sendo de importância primordial em qualquer tentativa de relacionar linguística com linguagem e consequentemente com o ensino de uma língua. Assim, qualquer tentativa de ensino de uma língua deve ser

⁶ LYONS, J. — *Language and Linguistics*, Cambridge, University Press, 1981.

flexível na sua perspectiva e incorporar uma consciencialização e aceitação de mudanças e inovações. Quando factores como estes são combinados com um grupo infinitamente diversificado de alunos, exibindo variações do tipo que McDonough, S. (1981) pp. 130-147 descreve ⁷, as dimensões dos problemas com os quais o docente de uma língua estrangeira tem que se debater tornam-se mais óbvias. Esta virtual receita para o caos está a ser lida pelos Leitores de Inglês, cuja resposta tem sido a de apostar na construção de um programa novo, integrado e evolutivo para os quatro anos de Inglês na F.L.U.P: um projecto que já produziu uma quantia substancial de novos materiais, novas perspectivas e novas atitudes.

O caos estava também implícito na citação de Larsen-Freeman feita pelo Doutor Gomes da Torre: «Há uma tão grande diversidade de métodos (...) que seria impossível identificar uma aula típica. Não há hoje uma forma única de ensinar línguas. Na verdade as abordagens existentes diferem em questões fundamentais. Não há acordo sobre o tipo de programa, sobre a ordem de apresentação das capacidades, sobre o valor da correcção explícita dos erros, ou mesmo sobre uma questão tão básica como seja o papel da língua materna dos alunos» ⁸. Mas a situação do curso de Inglês na F.L.U.P. pode ser vista sob uma luz diferente quando o trabalho levado a cabo pelos Leitores, quer o já completado quer o que ainda está em curso, é tomado em conta. Enquanto a diversidade dos métodos se mantém, torna-se num factor positivo já que é necessário flexibilidade para ir de encontro aos objectivos dos estudantes. Tal flexibilidade e diversidade pode ser controlada através o estabelecimento de um conjunto de padrões e materiais apropriados aos primeiros. Na área de Inglês tem havido uma tentativa activa tanto de definir um tipo de programa, como de abordar a apresentação e a prática das aptidões dessa língua de uma forma unificada baseada em materiais convenientemente seleccionados para cada ano. A problemática do valor da correcção explícita dos erros tem também sido confrontada de várias formas. Por exemplo, em Inglês I, quando se trata de trabalho escrito, a correcção explícita do erro é vista como fundamental para uma progressiva consciencialização por parte dos alunos das suas próprias áreas de fraqueza, sendo também vista como fornecendo aos alunos um ponto de referência a partir do qual eles poderão desenvolver os seus programas de auto-estudo numa base individual apropriada. O papel da língua materna foi tido em conta no planeamento e redacção do novo programa podendo dois exemplos ilustrar este ponto. Primeiramente, na componente do curso 'pronúncia e fonética' os sons que primeiro são tratados são aqueles que é sabido representarem dificuldades específicos a alunos portugueses de inglês (Swan, M. e Smith, B. (eds.) 1987, pp. 90-103) ⁹. Em segundo lugar, como já foi referido neste artigo, os Leitores estão a criar um banco de actividades centradas em

⁷ McDONOUGH, S. H. — *Psychology in Foreign Language Teaching*, London, Allen and Unwin, 1981.

⁸ LARSEN-FREEMAN, D. — *From Unity to Diversity: twenty-five years of language teaching methodology*, in «Forum XXV», 4, pp. 2-10, 1977.

⁹ SHEPHERD, D. — *Portuguese Speakers*, in «Learner English», edited by Swan, M. and Smith, B., Cambridge University Press, 1987.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

problemas gramaticais e de expressão específicos, como por exemplo, substantivos concretos e abstractos.

Este artigo tentou demonstrar que a situação actual do curso de Inglês na F.L.U.P. é uma de constante melhoramento baseado no trabalho dos Leitores cujo objectivo é o de obter os melhores resultados possíveis sob as condições existentes na F.L.U.P.; condições que em muitas áreas não podem ser descritas como ideais, como por exemplo em termos do tamanho das turmas, duração do ano lectivo, disponibilidade de material didáctico de apoio ao ensino, definição geral dos objectivos e formas de avaliação, mas acima de tudo, em termos de apoio e organização institucional: citando do artigo do Doutor Gomes da Torre: «...é necessário que o Conselho Científico se preocupe com o apoio e acompanhamento a dispensar aos Leitores até agora bastante abandonados a si próprios, sem orientação e sem controlo. É urgente que se criem condições para que os Leitores se sintam mais parte do corpo docente da Faculdade, assumindo todas as responsabilidades decorrentes de tal condição».

Muitos dos Leitores de inglês contribuíram para este artigo, mas não deve este ser visto como representativo das opiniões de todos os Leitores, quer como grupo, quer como indivíduos: as ideias expressas são as do autor.

N. R. Hurst